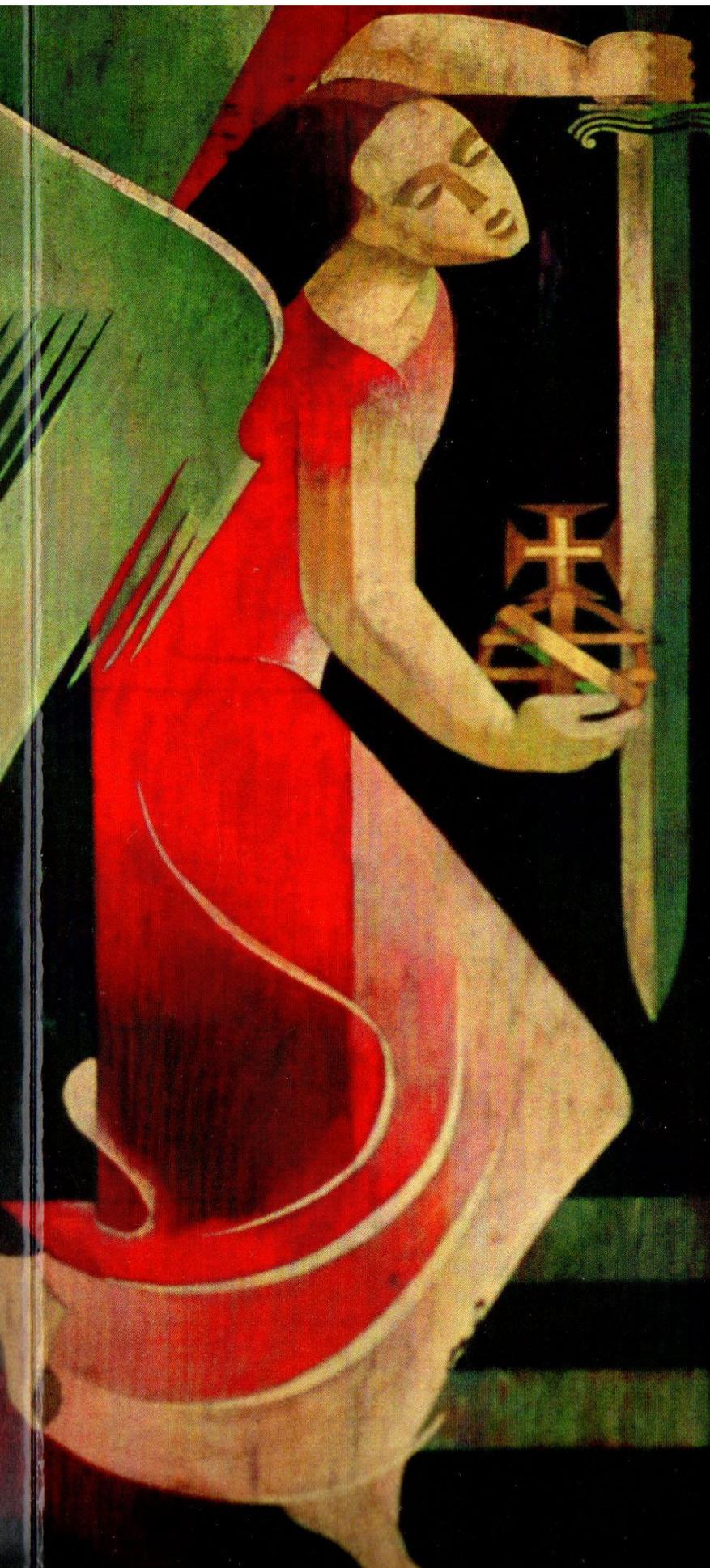


SANTOS, Joaquim Rodrigues dos. "Aproximação Preliminar a um (Possível) Tipo de Habitação Popular com Influências Portuguesas em Negapatão, Coromandel - Índia". In: CASTRO, Maria João (ed.). *Império e Arte Colonial: Antologia de Ensaios*. Lisboa: ArTravel, 2017, pp.79-94.



IMPÉRIO e ARTE COLONIAL

ANTOLOGIA DE ENSAIOS

EMPIRE and COLONIAL ART

AN ANTHOLOGY OF ESSAYS

COORD.

Maria João Castro



APROXIMAÇÃO PRELIMINAR
A UM (POSSÍVEL) TIPO
DE HABITAÇÃO POPULAR
COM INFLUÊNCIAS
PORTUGUESAS EM NEGAPATÃO,
COROMANDEL — ÍNDIA¹

JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS, *Universidade de Lisboa*

NOTAS PRELIMINARES

A chegada dos portugueses ao Oriente em finais do século XV traduziu-se por uma implantação que, desde o seu início, se manifestou de duas formas complementares: enquanto o domínio imperial se ia estabelecendo ao longo de pontos-chave no Oriente, também a presença informal portuguesa se foi incrementando, encaixando-se na rede comercial asiática já existente e que frequentemente ficava fora do pretendido monopólio oficial português. Numerosos portugueses foram conduzindo a sua actividade à margem do Estado da Índia Portuguesa, por iniciativa própria ou fruto de entidades exteriores ao domínio oficial português.

Muitos deles estabeleceram-se em pequenas comunidades difusas, que poderiam estar inseridas em povoações governadas por potentados asiáticos, ou ser relativamente autogeridas, atingindo em alguns casos grande importância. O comércio e a missão foram os grandes motes desta imensa rede informal, paralela ao Estado da Índia, secundada por outros interesses. O Coromandel foi um destes espaços onde se desenvolveu uma intensa rede comercial e missionária relativamente periférica

1 Este estudo foi desenvolvido no âmbito de uma investigação de pós-doutoramento intitulada *Salvaguarda do Património Arquitectónico de Influência Portuguesa na Índia: Contextualização e Crítica*, financiada por uma bolsa de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com a referência SFRH/BPD/96087/2013.

à esfera oficial do Estado da Índia, originando diversos assentamentos espontâneos de influência portuguesa, entre os quais Negapatão.

O ESTABELECIMENTO PORTUGUÊS NA CIDADE DE NEGAPATÃO

Negapatão, que havia sido um importante porto comercial durante o Império Chola tamil entre os séculos IX e XII — e uma das suas mais importantes cidades —, havia entrado em decadência com a ascensão do vizinho porto de Nagore, dominado pelos muçulmanos. A chegada dos portugueses a esta região motivou a que Negapatão viesse a adquirir novamente preponderância comercial por oposição a Nagore, sendo essa preferência certamente determinada pelo antagonismo figadal que confrontava os portugueses com os «infiéis» muçulmanos. Negapatão tornou-se assim parte de um conjunto de assentamentos urbanos no Coromandel — hoje inserido no estado indiano de Tamil Nadu, na costa oriental da parte meridional da península hindus-tânica — nos quais os portugueses se instalaram com intuitos comerciais ou missionários, juntamente com Tuticurim, Paliacate, São Tomé de Meliapor, Porto Novo (também chamado Tavanapatão) ou Manapad, entre outros.

Os portugueses chegaram então a Negapatão por volta de finais do primeiro quartel do século XVI, e aí instalaram uma florescente comunidade de comerciantes que logrou adquirir, paulatinamente e a partir de meados desse século, uma relativa independência quer face aos poderes locais — nomeadamente o Reino de Bisnaga (Vijayanagara), que geralmente possuía relações cordiais com os portugueses, ou os naiques de Tanjaor (Tanjavur), que aspiravam (e acabaram mesmo por adquirir) a autonomia face a Bisnaga, quer face ao próprio Estado da Índia. Cesare Federici, comerciante italiano que visitou Negapatão em c.1567, afirma que esta «è Città assai grande, & ben populata parte da Portughesi, e da Christiani del paese, & parte da Gentili»,²

2 FEDERICI, Cesaro, *Viaggio di M. Cesare de I Fedrici, nell'India Orientale, et oltre India, nelquale si contengono cose dilettevoli de i riti, & de i costumi di quei paesi, et insieme si descriveno le spetiari, droghe, gioie, & perle, che d'essi si cavano*, Venezia, Appresso Andrea Muschio, 1587, p.70.

e o *Livro das Cidades, e Fortalezas*[...], de autor anónimo e elaborado por volta de 1582, menciona que «pasarom a viver nella de assento mtos portugueses, que vivem em povoação de per sy apartados da dos Gentios e Mouros»,³ junto à foz do rio Kaduvaiyar.

A sua crescente importância na rede comercial portuguesa, com tráfego marítimo que se estendia ao Ceilão, a Bengala, ao Malabar e mesmo a portos da Indochina, motivou a que o Estado da Índia tenha diligenciado para exercer um controlo oficial sobre Negapatão, ao criar em 1543 a Capitania de Negapatão.⁴ Embora no código de 1582 se mencionasse a existência de «hum capitão posto por El Rey de Portugal que os governa e lhes administra justiça, assi a elles como aos Christãos naturaes da terra, de que há muitos nella», este controlo era, porém, pouco efectivo, uma vez que a cidade não possuía nenhum tipo de fortificação — não obstante se «intentou fazer aqui hũa fortaleza para seguridade deste porto e dos Portu— [sic] que nelle vivem, e por se aver por impossivel o poderse sustentar se deixou de fazer».⁵

Negapatão não produzia sequer proventos económicos proveitosos para o Estado da Índia, uma vez que ao naique de Tanjaor «lhe pagão os Portugueses que vivẽ nesta povoação, [para que] os consinte nella», e por isso «com quanto nesta cidade não tem a Coroa de Portugal rendimentos alguũs (por se pagarem os direitos todos (...) ao Naique senhor da terra)». Prova disso mesmo é o facto de que «a capitania desta povoação se costuma prover em fidalgos pobres e outros homes nobres de muito serviço» que «não tem ordenado algum a custa da fazenda Real» e que «nesta povoação não há outros cargos que se costumassem prover».⁶

Gasparo Balbi, também ele comerciante italiano que viajou pelo Oriente e esteve em Negapatão no mesmo ano em que foi elaborada a obra

3 [Anónimo], *Livro das Cidades, e Fortalezas, que a Coroa de Portugal tem nas Partes da India, e das Capitánias, e mais Cargos que Nelas ha, e da Importancia Delles*, Códice MS. 3127 da Biblioteca Nacional de Madrid, 1582, f.53v.

4 CARITA, Hélder, «Nagapattinam» in MATTOSO, José (dir.), *Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitetura e Urbanismo (Ásia, Oceania)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.392.

5 [Anónimo], *Livro das Cidades, e Fortalezas*..., 1582, f.53v, 54 e 54v.

6 [Anónimo], *Livro das Cidades, e Fortalezas*..., 1582, f.54, 54v e 55.

anterior, menciona que «è stata fortificata nuovamente una fortezza detta Ragiù da Portoghesi, per difenderla dalle scorrerie del Rè di Negapatan, ilquale habita terra ferma».⁷ Porém, face às dificuldades enunciadas no *Livro das Cidades, e Fortalezas[...]*, esta fortaleza nova não deve ter passado das intenções iniciais, uma vez que o comerciante britânico William Finch, que mencionou a cidade de Negapatão onde teria estado por volta de 1610, afirmou que «the Portugals hold Saint Thome and Negapatan, but are not suffered to build a castle».⁸

António Bocarro, no seu códice *Livro das Plantas de todas as Fortalezas[...]*,⁹ menciona a existência de «hũa povoação de quinhentos fogos, entre homens portuguezes brancos e pretos» que continuava fora da alçada oficial do Estado da Índia, conquanto «como não há fortaleza nem capitão que seja homem de suficientes forças pera os obrigar a lhe terem o devido respeito, nem tambem o ouvidor, cada hum se faz respeitar assy pello poder e forças que tem, não servindo mais o capitão que de tratar de suas viagens e intereces, posto que dá menagem em Goa desta capitania, mas nella não há fortaleza, nem muro», por «não consentir este naique de Tanjaor que se fação». E mesmo quando o naique, num momento de guerras internas, permitiu a construção de uma fortificação na cidade, «os moradores della o não quiserão fazer, por lhes parecer que, em estando com muros e fortaleza que Sua Magestade prezidiace, lhe porião logo alfandiga e as justiças os dominarião, que era o que mais temião».¹⁰

7 BALBI, Gasparo, *Viaggio dell'Indie Orientali, di Gasparo Balbi, Gioielliero Venetiano, nelquale si contieni quanto egli in detto viaggio hà veduto per lo spatio di 9. Anni consumati in esso dal 1679. fino al 1588. con la relationi de i datij, pesi, & misure di tutte le Città di tal viaggio, & del governo del Rè del Pegù, & delle guerre fatte da lui con altri Rè d'Anna & di Sion, Veneza, Appresso Camillo Borgominieri, 1590, p.82.*

8 William Finch *apud* FOSTER, William, *Early Voyages in India: 1583-1619*, Oxford, Oxford University Press, 1921, p.182.

9 BOCARRO, António, RESENDE, Pedro Barreto de, *Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoçoens do Estado da Índia Oriental com as Descripçoens da Altura em que Estão, e de Tudo que ha Nellas, Artilharia, Presidio, Gente de Armas, e Vassalos, Rendimento, e Despeza, Fundos, e Baxos das Barras, Reys da Terra Dentro, o Poder que tem, e a Paz, e Guerra, que Guardão, e Tudo que Esta Debaxo da Coroa de Espanha*, Códice COD. CXV/2-X da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, 1635.

10 BOCARRO, RESENDE, *Livro das Plantas de todas as Fortalezas...*, 1635, f.142 e 142v.

A AMEAÇA E CONQUISTA HOLANDESA DE NEGAPATÃO

Esta renitência em aceitar fortificar-se e inserir-se na lógica oficial do Estado da Índia mudou porém pouco tempo depois de António Bocarro ter escrito o seu código, face à crescente ameaça do poderia holandês, que pouco a pouco vinha conquistando posições aos portugueses no Oriente. Os moradores de Negapatão enviaram em 1635 uma petição ao naique de Tanjaor, pedindo permissão para fortificar a cidade, requerimento que foi recusado. Dois anos depois, e face à ameaça do sultão de Bijapur que pendia sobre Tanjaor, o naique desta última procurou refúgio em Negapatão. Foi assim concedida a permissão para fortificar Negapatão, tendo sido implementada — ou melhorada — a fortificação da cidade, que no entanto continuou a ser débil.¹¹

De facto, após um cerco holandês em 1642, que impôs o pagamento de um pesado resgate (o cerco foi depois interrompido pelo socorro prestado pelo naique de Tanjaor, contra o pagamento de um tributo por parte dos portugueses), Negapatão foi incorporada no Estado da Índia nesse mesmo ano, a pedido dos seus moradores, no intuito de se acolher sob a sua capa protectora. E ainda nesse ano foi iniciada a edificação de uma muralha defensiva, interrompida por um cerco por parte do naique de Tanjaor, que não reclamava não haver autorizado essa fortificação. Por fim, essa permissão foi novamente negociada e autorizada pouco depois, iniciando-se logo a construção do sistema fortificado da cidade. Esta fortificação teria sido, uma vez mais, relativamente precária face à rapidez de sua execução, restando desta poucos ou nenhuns vestígios. Em 1645 Negapatão foi elevada à condição de cidade, com os mesmos privilégios definidos para Cochim.¹²

As novas defesas, associadas à negligência grosseira de vários dos oficiais nomeados pelo Estado da Índia para Negapatão, não forem suficientes para sustentar a ofensiva holandesa, e em 1658 a cidade rende-se aos holandeses

11 STEPHEN, S. Jeyaseelan, *Portuguese in Tamil Coast: Historical Exploration in Commerce and Culture, 1507-1749*, Pondicherry, Navajothi Publishing House, 1998, p.237.

12 CARITA, Hélder, «Nagapattinam» in MATTOSO, José (dir.), *Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitetura e Urbanismo (Ásia, Oceania)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.392.

da Vereenigde Oost-Indische Compagnie (VOC), praticamente sem luta e após um acordo muito honroso para os seus habitantes portugueses, que assim puderem sair de Negapatão, junto com os seus pertences, rumo a outras cidades no Coromandel e no Ceilão que ainda permaneciam sob domínio português. O pastor protestante Philipus Baldæus, que visitou a cidade em missão religiosa em 1660, escassos dois anos após a conquista holandesa, refere que «the Portuguese were permitted to depart with their Goods, Families, Church-Ornaments, etc. in certain Ships appointed for that purpose by the Dutch Company».¹³

John Nieuhof, funcionário da VOC que em 1662 esteve em Negapatão, confirma os termos honrosos da rendição portuguesa, confirmando a existência de uma fortificação portuguesa ao mencionar que «this city as well as its castle call'd Ragu, acknowledge the Portuguese for its founders, the castle being built for their better security against the attempts of the Naik or Neyk, lord of the circumjacent countrey», e que durante a rendição «seven companies of Dutch soldiers, one of Bandaneses, and one of Laskaryns, under the Modlier of Negombo, took possession of the gates of the city, at which time the Portuguese drew off from the bastions». Para Nieuhof, «the city is pretty well fortified with defensible towers, surrounded with a good mote: It is very populous in proportion to its bigness, but most of the inhabitants are of a tawny complexion, being generally either Mestices, i.e. such as are born of a Portuguese father, and a the black-amoor; or Kastices, i.e. such as their fathers were blackamoors and their mothers Portuguese women».¹⁴

Esta ocupação holandesa de algum modo pacífica permitiu manter a estrutura urbana de Negapatão, assim como a sua população autóctone, muita dela católica. Não obstante as perseguições movidas pelos

13 BALDÆUS, Philipus, *A Description of ey East India Coasts of Malabar and Cormandel with their adjacent Kingdoms & Provinces, & of the Empire of Ceylon and of the Idolatry of the Pagans in the East Indies*, Londres, Awnsham and John Churchill, 1703, p.651.

14 NIEUHOF, Johan, «Mr. John Nieuhoff's Remarkable Voyages & Travells into ey best Provinces of ey West and East Indies», in CHURCHILL, Awnsham, CHURCHILL, John, *A Collection of Voyages and Travels, some Now first Printed from Original Manuscripts, others Now first Published in English*, Londres, Assignment from Messrs. Churchill, 1732, pp.210-211.

holandeses aos católicos, estes persistiram na cidade e seus arredores, ajudando a manter algumas dessas influências culturais portuguesas muito para além da presença portuguesa, por mais de um século, na cidade. De facto, a relativa independência dos mercadores portugueses face ao poder oficial do Estado da Índia levou a que muitos deles estabelecessem relações cordiais com os holandeses e que continuassem a comerciar no Coromandel holandês (e, mais tarde, também estabeleceram parcerias com os britânicos, os franceses e os dinamarqueses). A manutenção da autoridade eclesiástica portuguesa na diocese de São Tomé de Meliapor, sob o domínio do Padroado do Oriente, continuou também a motivar uma influência cultural portuguesa em Negapatão até bastante tarde.

Já sob o governo holandês, Negapatão sofreu um cerco pelo naique de Tanjaor logo em 1658, depois em 1660, e novamente outro em 1669, todos repelidos com sucesso. Em 1690 a cidade adquiriu maior importância, com a mudança da capital do Coromandel holandês de Paliacate para Negapatão, situação que se manteve até 1781, ano em que foi conquistada pelos britânicos da East India Company (EIC), e sob o seu domínio se manteve até à independência da Índia em 1947.

ALGUMAS ANOTAÇÕES SOBRE ARQUITECTURA
RELIGIOSA CATÓLICA DE NEGAPATÃO

Negapatão foi um dos mais importantes centros de missionação no Coromandel, o que certamente se reflectiu na arquitectura religiosa católica da cidade. Cesare Federici menciona que na cidade «i Portughesi, & gli altri Christiani vi stano asai bene, con Chiese, & un monasterio di San Francesco di gran divotione»,¹⁵ e poucos anos depois Gaspare Balbi reitera que «vi sono Chiese, e fra l'altre un monasterio di S. Francesco di gran devotione».¹⁶ Já António Bocarro refere que em 1635 «há em Negapatão os quatro

15 FEDERICI, *Viaggio di M. Cesare de I Fedrici...*, 1587, p.70.

16 BALBI, *Viaggio dell'Indie Orientali...*, 1590, p.82.

Conventos, com suas Igrejas, de Sam Domingos, Sam Francisco, Sancto Agostinho e Sam Paullo, com relegiozos destas Ordens, que todos se sustentão de esmolos e nem por isso são desprovidos de tudo o que lhes he necessário, tendo tambem hũa Igreja da Mizericordia, em que se cumprem muy bem todas as obras della».¹⁷

Não deixa de ser curioso que a imagem de Negapatão do códice *Breve Tratado ou Epilogo de Todos os Visorreys[...]*, elaborado por volta de 1636 por um autor anónimo e inspirada na imagem realizada por Pedro Barreto de Resende para o códice *Livro das Plantas de todas as Fortalezas[...]*, os edifícios religiosos mencionados são os conventos de São Paulo e de São Domingos, referidos por António Bocarro, mas os restantes identificam-se como São Jerónimo, a Sé, a Igreja da Madre de Deus e a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, não fazendo qualquer menção ao Convento de São Francisco, referido por Cesare Federici, por Gaspare Balbi e por António Bocarro, nem tão-pouco o Convento de Santo Agostinho, a Sé ou a Igreja da Misericórdia, referidos pelo último.

Johan Nieuhof, já depois da tomada da cidade pelos holandeses, menciona que «they had several goodly churches here, and a very line monastery belonging to the Franciscans, which was maintained at the charge of the chiefest of the inhabitants. There are to this day remaining divers fine churches and other large structures, with spacious apartments and galleries according to the Portuguese fathion. Next to the jesuits college stood the church of Tranguabar».¹⁸ Philipus Baldæus refere que «its Buildings are very stately, especially the Church, which affords a very goodly Prospect towards the Sea-side»,¹⁹ e a gravura de Negapatão existente na sua obra demonstra a existência de pelo menos três igrejas, embora se possam considerar mais quatro edifícios cujas características são similares a igrejas.

17 BOCARRO, RESENDE, *Livro das Plantas de todas as Fortalezas...*, 1635, f.143v.

18 NIEUHOF, «Mr. John Nieuhoff's Remarkable Voyages [...]», 1732, p.210.

19 BALDÆUS, *A Description of ey East India Coasts...*, 1703, p.651.



Fig. 1 — Igreja da Madre de Deus, em Negapatão

Segundo Hélder Carita, actualmente podemos observar a existência de três igrejas com influências portuguesas: a Igreja da Madre de Deus, a Igreja de Santo António e a Igreja de Nossa Senhora de Lurdes. Começando pela última, apesar de ter sido muito modificada e ampliada, apresentando agora uma linguagem neogótica, Hélder Carita afirma que esta igreja jesuíta — presumivelmente do Convento de São Paulo mencionado por António Bocarro — mantém a implantação original no centro de um terreiro frente ao antigo porto; interiormente pode-se observar ainda a presumível estrutura primitiva do corpo da igreja, com três nave dividida por arcos de volta perfeita assentes em grossos pilares quadrangulares, sendo a nave central coberta por uma abóbada apontada. A Igreja de Santo António possui um desenho da fachada de inspiração clássica, com pilastras e volutas, sendo de nave única com cobertura de abóbada de canhão, e tendo a capela-mor uma cobertura de cúpula simples.²⁰

Quanto à Igreja da Madre de Deus, a fachada apresenta uma composição maneirista de finais do século XVI, aberta às influências hindustânicas, possuindo uma altura de três níveis cuja separação se faz por intermédio de cornijas vincadas, e na largura existe igualmente uma divisão em três tramos feita mediante conjuntos de três colunas classicizantes fundidas entre si; em cada tramo existe uma porta no nível térreo e uma janela no segundo nível, sendo que apenas o tramo central possui um terceiro

²⁰ CARITA, «Nagapattinam», 2010, p.394.

nível marcado por um nicho; a igreja possui nave única com cobertura composta por uma estrutura de treliças de madeira, sendo a capela-mor coberta por uma abóbada ligeiramente apontada.

Porém, talvez o que chame mais a atenção nesta igreja seja o remate superior da sua fachada principal, composto por uma profusão de volutas nas aletas e sobre estas (a coroa situada no topo da fachada é sem dúvida um acrescimento posterior). Este tipo de remate é invulgar no mundo português, mas encontra-se representado com maior ou menor similaridade em outras igrejas de influência portuguesa no Coromandel, nomeadamente a Igreja de São Tomé em Palayakayal, a Igreja de Nossa Senhora da Assunção em Vaipar ou a (já demolida) Igreja da Madre de Deus em São Tomé de Meliapor (Chennai) — as duas últimas, contudo, com menos semelhanças.

Também a Igreja de Nova Jerusalém em Tranquebar, construída em 1718 na cidade governada pelos dinamarqueses e situada a norte de Negapatão, apresenta um remate da fachada semelhante à Igreja da Madre de Deus; certamente provirá de influências portuguesas, pois a seguir à tomada de Negapatão pelos holandeses, muitos portugueses instalaram-se em Tranquebar a ponto de Philipus Baldæus referir que no «Danish Fort call'd Tranguerbar (...) the Inhabitants consist of Portugueses, Pagans and Mahometans».²¹ Aliás, antes mesmo da aquisição de Tranquebar pelos dinamarqueses já existia um colégio jesuíta, com amplas relações com Negapatão e, por acréscimo, com São Tomé de Meliapor e com a Costa da Pescaria (sul do Coromandel, com centro em Tuticurim), sendo que nesta última os jesuítas desenvolveram uma intensa actividade de missão relativamente autónoma do Estado da Índia (embora dentro do Padroado do Oriente), o que lhes conferiu maior abertura às influências locais.

Não deixa de ser significativo que, após a experiência de Leon Battista Alberti na Igreja de Santa Maria Novella (Florença, Itália) entre 1458 e 1478, na qual compôs uma fachada onde o registo superior do tramo central se unia aos tramos laterais mais baixos mediante o uso de aletas com volutas, tenham sido os jesuítas quem mais difundiu este modelo de fachada. Tal

21 BALDÆUS, *A Description of ey East India Coasts...*, 1703, p.652.

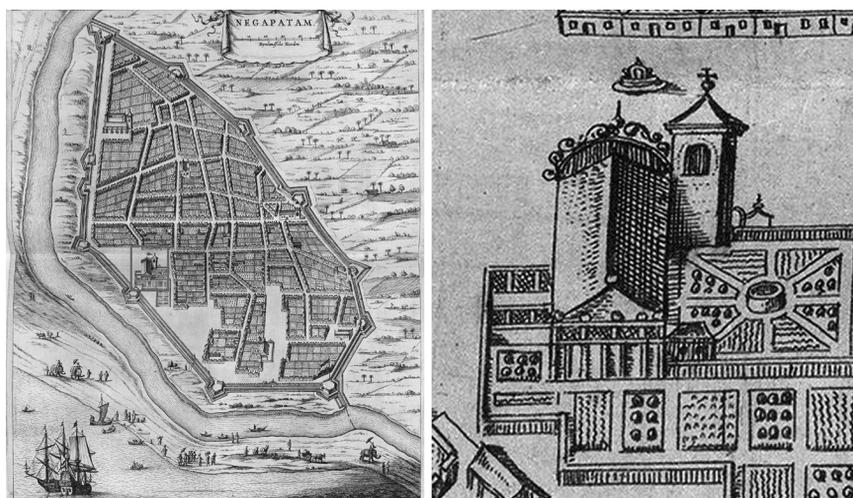


Fig. 2 — Gravura de Negapatão, inserida na obra de Philipus Baldæus

sucedeu após a construção da sua igreja-mãe, a Igreja de Jesus (geralmente designada como *Gesù*), cuja fachada, projectada por Giacomo della Porta por volta de 1572, apresenta precisamente este tipo de solução do uso das aletas com volutas para unir tramos de diferentes alturas. Foram os jesuítas que trouxeram este padrão de fachada para Portugal, e terão sido estes que o disseminaram pelos territórios ultramarinos portugueses, incluindo o Coromandel (embora este modelo de fachada tenha tido apenas um relativo sucesso no mundo português).

A anteriormente mencionada gravura de Philipus Baldæus mostra que em 1660 existia uma igreja cujo remate da fachada era composto por várias volutas esculpidas, o que poderá indicar que esta seria a Igreja da Madre de Deus ou, pela sua dimensão, poderia ser a primitiva igreja dos jesuítas — em grande parte demolida nesse mesmo ano pelo governador holandês —, hipoteticamente com uma fachada principal contendo este tipo de remate superior com volutas esculpidas; caso assim fosse, esta igreja jesuíta poderia assim ter influenciado a fachada da Igreja da Madre de Deus. Seja como for, importa referir que este tipo de remate já existiria no tempo dos portugueses.

UM TIPO DE HABITAÇÃO POPULAR COM
POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS PORTUGUESAS

São hoje conhecidas algumas influências portuguesas na arquitectura de regiões hindustânicas que não estiveram sob administração portuguesa, como Junagadh (Gujarate) ou Belgão (Karnataka), mas também naquelas onde a presença portuguesa deixou de ser efectiva há muito mais tempo, como no Malabar, na Cambaia (mais precisamente na antiga Província do Norte com as excepções de Diu e Damão) ou no Coromandel. Negapatão é um desses casos em que as influências portuguesas perduraram para além da sua presença, conforme se pôde verificar anteriormente em relação às igrejas católicas.

Mas também a própria arquitectura popular possui ainda alguns exemplos de influências portuguesas, já apontadas por Hélder Carita: a técnica de construção em alvenaria de pedra e cal, com coberturas de telha cerâmica de canudo e com beirado possuindo duas fiadas de telhas encastradas na alvenaria da parede, algo similar ao beirado tradicional português.²² De facto, o códice de António Bocarro menciona que as casas de Negapatão eram inicialmente de madeira e palha, e que após a instalação definitiva dos portugueses estes começaram a construir casas de pedra (muito provavelmente de pedra e cal, mais conforme à prática portuguesa).²³ Ao percorrermos as ruas da parte antiga de Negapatão, encontramos com facilidade casas populares com as características enunciadas por Hélder Carita.

Porém, encontramos também outro tipo de características que, tanto quanto se sabe, serão aqui enunciadas pela primeira vez: casas de alvenaria de pedra e cal, com cobertura em telha cerâmica de canudo, com uma varanda ao longo de todo o comprimento da fachada principal, sendo esta delimitada lateralmente, na parte superior, por platibandas ornamentadas com volutas ou motivos fitomórficos; esta varanda encosta-se ao corpo principal da casa, mais alto; na transição entre estas duas estruturas (casa

22 CARITA, «Nagapattinam», 2010, p.394.

23 BOCARRO, RESENDE, *Livro das Plantas de todas as Fortalezas...*, 1635, f.142.

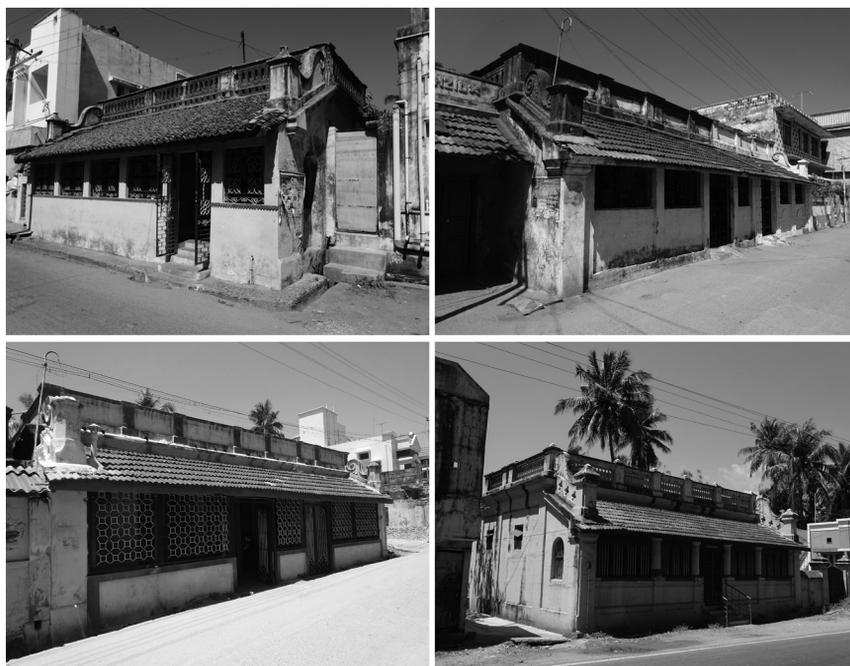


Imagem 3 — Exemplos de casas em Negapatão, inseridas no tipo de habitação popular analisada no texto

e varanda) podem existir ou não balaustradas com linguagem mais ou menos classicizante. Este tipo de ornamentação é muito raro em Portugal; mas também o é na Índia e no próprio estado de Tamil Nadu, conforme apurado em conversas com vários historiadores da arquitectura indianos. Aparentemente, este modelo de casa com este tipo de ornamentação só existe em Negapatão e nos seus arredores, nomeadamente em Velankanni, Karaikal, Nagore e Tranquebar, onde a influência portuguesa se fez notar com mais intensidade.

Se o uso da alvenaria de pedra e cal, da telha cerâmica de canudo ou das varandas são elementos reconhecíveis em outros locais hindustânicos onde a presença ou influência portuguesa é notada, já este tipo de platibanda ornamentada com volutas, existente nesta tipologia de casas de Negapatão e arredores, não se parece encontrar-se em outros locais da Índia, nem tão-pouco na Índia portuguesa. Não podemos, por isso, deixar de notar

as similitudes entre este tipo de platibanda ornamentada com volutas e o próprio remate superior da fachada da Igreja da Madre de Deus em Negapatão (e da igreja representada por Philipus Baldæus), com a sua profusão de volutas. Existe por isso uma lógica da influência portuguesa neste tipo de habitação popular de Negapatão, por associação à Igreja da Madre de Deus da mesma cidade — ou eventualmente a outra igreja cuja fachada principal possuísse no seu remate superior as mesmas características ornamentais —, construídas por portugueses ou sob a sua influência.

Essa ornamentação baseada em volutas provém indubitavelmente da influência católica europeia, provavelmente por intermédio dos jesuítas que, sob o Padroado do Oriente português, trouxeram este elemento ornamental para a região de Negapatão e o tornaram localmente com maleabilidade, absorvendo influências estéticas hindustânicas. Pode-se por isso considerar um modelo de habitação popular contendo elementos de influência portuguesa, que sobreviveram para além do fim da presença portuguesa e que ainda podem ser encontrados, pontualmente inseridos na malha urbana antiga de Negapatão.

NOTAS CONCLUSIVAS

Sendo este um trabalho em progresso, muito ainda poderá haver para descortinar relativamente a este tipo de habitação popular existente em Negapatão — e mesmo para outras estruturas da cidade, como a sua malha urbana, as estruturas fortificadas, as igrejas católicas e, inclusivamente, em algumas mesquitas que aparentam possuir uma influência estética portuguesa ao nível da fachada principal, que ainda se pode vislumbrar ao percorrer as ruas da parte antiga de Negapatão. Mas não deixa de ser indubitavelmente uma possibilidade que urge aprofundar, antes que desapareça face à cada vez mais acelerada mutação que vivem as cidades indianas, onde o progresso tem apagado inexoravelmente muitos destes testemunhos antigos da presença portuguesa nesta região do Mundo.

BIBLIOGRAFIA

- [Anónimo], *Livro das Cidades, e Fortalezas, que a Coroa de Portugal tem nas Partes da India, e das Capitánias, e mais Cargos que Nelas ha, e da Importancia Delles*, Códice MS. 3127 da Biblioteca Nacional de Madrid, 1582.
- [Anónimo], *Breve Tratado ou Epilogo de Todos os Visorreys, que tem Havido no Estado da India, Successos que Tiverão no Tempo dos seus Governos, Armadas de Navios, e Galeões, que do Reyno de Portugal Forão ao Dito Estado, e do que Succedeo em Particular a Alguas Dellas nas Viagens que Fizerão. Descrições das Fortalezas da India Oriental*, Códice MSS Fonds Portugais nº 1 da Bibliothèque Nationale de Paris, c.1636.
- BALBI, Gasparo, *Viaggio dell'Indie Orientali, di Gasparo Balbi, Gioielliero Veneziano, nelquale si contieni quanto egli in detto viaggio hà veduto per lo spatio di 9. Anni consumati in esso dal 1679. fino al 1588. con la relationi de i datij, pesi, & misure di tutte le Città di tal viaggio, & del governo del Rè del Pegù, & delle guerre fatte da lui con altri Rè d'Anna & di Sion, Venezia, Appresso Camillo Borgominieri, 1590.*
- BALDÆUS, Philipus, *A Description of ey East India Coasts of Malabar and Cormandel with their adjacent Kingdoms & Provinces, & of the Empire of Ceylon and of the Idolatry of the Pagans in the East Indies*, Londres, Awnsham and John Churchill, 1703.
- BOCARRO, António, RESENDE, Pedro Barreto de, *Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental com as Descrições da Altura em que Estão, e de Tudo que ha Nellas, Artilharia, Presidio, Gente de Armas, e Vassalos, Rendimento, e Despeza, Fundos, e Baxos das Barras, Reys da Terra Dentro, o Poder que tem, e a Paz, e Guerra, que Guardão, e Tudo que Esta Debaxo da Coroa de Espanha*, Códice COD. CXV/2-X da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, 1635.
- CARITA, Hélder, «Nagapattinam» in MATTOSO, José (dir.), *Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitetura e Urbanismo (Ásia, Oceania)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- FEDERICI, Cesaro, *Viaggio di M. Cesare de I Fedrici, nell'India Orientale, et outra India, nelquale si contengono cose dilettevoli de i riti, & de i costumi di quei*

paesi, et insieme si descriveno le spetiari, droghe, gioie, & perle, che d'essi si cavano, Veneza, Appresso Andrea Muschio, 1587.

FOSTER, William, *Early Voyages in India: 1583-1619*, Oxford, Oxford University Press, 1921.

NIEUHOFF, Johan, «Mr. John Nieuhoff's Remarkable Voyages & Travells into ey best Provinces of ey West and East Indies», in CHURCHILL, Awnsham

CHURCHILL, John, *A Collection of Voyages and Travels, some Now first Printed from Original Manuscripts, others Now first Published in English*, Londres, Assignment from Messrs. Churchill, 1732.

STEPHEN, S. Jeyaseelan, *Portuguese in Tamil Coast: Historical Exploration in Commerce and Culture, 1507-1749*, Pondicherry, Navajothi Publishing House, 1998.